



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 16/11/18

BRASIL	2
Mejora el margen de los frigoríficos	2
Exportaciones de carnes bovinas tuvieron el tercer mejor resultado en la historia	2
Abiec: Brasil exportó carnes bovinas a CHINA por valor de US\$ 1,200 millones en 2018	2
Ceden las exportaciones de ganado en pie durante el pasado mes de octubre	2
Aumentó la faena de vacunos después de cuatro años de retroceso. Mejoró la competitividad	3
Proyecciones para 2019 – Algunos analistas estiman que la oferta cederá.....	3
Número de animales en feed lots es el mayor de los últimos seis años.....	4
Nueva Ministra de Agricultura deberá lidiar con resabios de Carne Fraca.....	5
Brasil Venezuela: iniciaron un operativo conjunto para combatir la aftosa.....	6
URUGUAY	8
Menor cotización del ganado gordo “es normal para la época del año”	8
Competitividad: Ganaderos y frigoríficos evalúan planteo conjunto al gobierno	8
Gremiales de productores y frigoríficos preocupadas por costos de producción	8
Auditoría de Japón inspeccionará plantas frigoríficas uruguayas	9
MGAP pide priorizar el uso de la marca en el ganado.....	9
PARAGUAY	10
Apareció la oferta de hacienda gorda y descendió el precio.....	10
Paraguay confía en lograr ingreso a EE.UU. en el primer semestre de 2019	10
Siguen tareas para habilitar exportación de carne a EE.UU. Estadounidenses capacitarán a técnicos paraguayos	10
ARP sugiere buscar más y mejores mercados para la carne paraguaya Defiende su posición ante frigoríficos	11
UNIÓN EUROPEA	11
Acuerdo con Mercosur: está en una fase decisiva.....	11
BREXIT: Recomendaciones para encauzar este proceso	12
ESTADOS UNIDOS	13
JAPON podría eliminar la restricción de edad que estableció por BSe	13
Aumentó el consumo de carne bovina y porcina mientras retrocede la de aves.....	13
Faena de novillos por debajo del nivel de 2017	14
Crece el requerimiento de programas de Aseguramiento de Calidad para los proveedores de hacienda	15
AUSTRALIA	16
Exportaciones aumentaron en el mes de octubre. Riego de que se revierta la tendencia ascendente ...	16
Faena y producción afectadas por la sequía.....	17
EMPRESARIAS	17
JBS buen resultado operativo, pero números en rojo	17
Impacto negativo luego de la prisión de Joesley Batista.....	18
JBS firmó acuerdos comerciales con empresas chinas por un monto potencial de US\$ 3400 millones..	18
Minerva negocia con fondos soberanos de Medio Oriente	19
Marfrig brinda posibilidad de acceder a pagos diferenciados	19



BRASIL

Mejora el margen de los frigoríficos

Sexta-feira, 16 de novembro de 2018 - Mercado do boi gordo sem viés definido no fechamento da última quarta-feira (14/11). Houve oscilações de preços em dez praças, considerando os negócios com 30 dias, mas sem tendência de rumo.

As cotações subiram em Minas Gerais e Bahia e caíram em estados do Norte e Centro-Oeste.

Em São Paulo, o feriado do 15/11, embora tenha tirado um dia de negociação da semana, não pressionou as compras. Pelo contrário, como os contratos de parceria garantiram escalas confortáveis para as indústrias, ofertas de compra a preços menores ganharam corpo.

Mas essas ofertas não conseguem robustez para serem referência, já que o volume de boiadas prontas não tem sido compatível com o tamanho da pressão que as indústrias tentam impor ao mercado.

Já os preços da carne desossada começaram a refletir o aquecimento do consumo de final de ano. E como a receita obtida com a venda de carne tem subido mais do que o preço pago pela matéria-prima, a margem das indústrias que desossam aumentou.

Atualmente a diferença está em 22,3%, é o melhor patamar desde o começo de agosto. Esse fator, associado à redução da oferta de gado, pode ajudar a aliviar a pressão do mercado.

Exportaciones de carnes bovinas tuvieron el tercer mejor resultado en la historia

14/11/18 - por Equipe BeefPoint

As exportações brasileiras de carne bovina (in natura e processadas) somaram 161,52 mil toneladas em outubro, volume 12,2% superior ao mesmo mês do ano passado mas 10% inferior ao comercializado em setembro, informou a Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo) a partir de dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex/Mdic).

Apesar do recuo em relação ao mês anterior, a entidade ressaltou, em nota, que foi o terceiro melhor resultado mensal da história, perdendo somente para a movimentação obtida nos últimos meses de agosto e setembro.

Em receita, as exportações renderam US\$ 619,5 milhões, aumento de 3% na comparação com o resultado de outubro de 2017, mas queda de 3,3% ante setembro.

No acumulado de 2018 até outubro, as vendas chegaram a 1,33 milhão de toneladas, com crescimento de 10% em relação ao mesmo período do ano anterior. Em receita, o total obtido neste ano já chegou a US\$ 5,34 bilhões, frente US\$ 4,92 bilhões em 2017 – crescimento de 8%.

A Abrafrigo lembrou que o mercado russo voltou a se abrir para as carnes brasileiras a partir deste mês e que a medida deverá ser positiva para os embarques. Até o momento, a China continua sendo o maior mercado para a carne bovina brasileira, com compras, até outubro, de 585,26 mil toneladas (incluindo Hong Kong).

Abiec: Brasil exportó carnes bovinas a CHINA por valor de US\$ 1,200 millones en 2018

16/11/18 - por Equipe BeefPoint Maior fornecedor de carne bovina para o mercado chinês, o Brasil já exportou US\$ 1,2 bilhão dessa proteína para o país em 2018. “Estamos com grande expectativa para a próxima missão chinesa que virá ao Brasil para inspecionar seis plantas de bovinos”, contou a diretora-executiva da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), Liège Vergilli, durante o Summit Agronegócio Brasil, realizado nesta terça-feira pelo jornal O Estado de S. Paulo.

Durante a missão, autorizações que forem concedidas a determinadas plantas poderão ser replicadas a demais unidades com as mesmas características. A missão chinesa também visitará unidades de aves e suínos do Brasil.

Ceden las exportaciones de ganado en pie durante el pasado mes de octubre

Portal DBO - 14/11/2018 A exportação de gado vivo do Brasil perdeu força em outubro. Segundo o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, foram exportadas 57,16 mil cabeças de bovinos vivos em outubro, com faturamento total de US\$ 38,1 milhões.

O volume total embarcado ficou 60% menor que setembro último, e praticamente estável (-1,3%) na comparação com o mesmo período do ano passado.

Os reflexos da crise na Turquia ocorreram agora com o término dos contratos vigentes. Novos contratos foram efetivados, porém, em menor quantidade. Sendo assim, o país exportou 28.600 cabeças de gado a menos, frente a 96.000 cabeças exportadas no mês de setembro deste ano para este destino.

Outros compradores do gado brasileiro em outubro foram a Jordânia, o Líbano, o Iraque e Hong Kong, respectivamente.



Aumentó la faena de vacunos después de cuatro años de retroceso. Mejoró la competitividad

14/11/18 - por Equipe BeefPoint No 3º trimestre de 2018, foram abatidas 8,28 milhões de cabeças de bovinos sob algum tipo de serviço de inspeção sanitária. Essa quantidade representa aumentos de 7,2% em comparação com o trimestre imediatamente anterior e de 3,6% em relação ao 3º trimestre de 2017.

A produção de 2,10 milhões de toneladas de carcaças bovinas no 3º trimestre de 2018 indica aumento de 11,0% em relação ao 2º trimestre deste ano e incremento de 4,2% em relação ao apurado no 3º trimestre de 2017.

Aquisição de couro aumenta 2,2% na comparação anual

No 2º trimestre de 2018, os curtumes investigados pela Pesquisa Trimestral do Couro – aqueles que efetuam curtimento de pelo menos 5 000 unidades inteiras de couro cru bovino por ano – declararam ter recebido 8,93 milhões de peças inteiras de couro no 3º trimestre de 2018. Essa quantidade é 8,6% superior à registrada no trimestre imediatamente anterior e 2,2% maior que a registrada no 3º trimestre de 2017.

16/11/18 - por Equipe BeefPoint O número de animais abatidos no Brasil voltou a crescer após quatro anos de queda consecutiva. Segundo pesquisadores do Cepea, esse cenário mostra uma retomada do rebanho e da produtividade, depois das reduções ocasionadas pela forte seca que atingiu o Centro-Sul do País entre 2013 e 2014.

Segundo dados divulgados nesta semana pelo IBGE, no acumulado de janeiro a setembro deste ano, foram abatidos 23,73 milhões de animais no Brasil, número 4,06% superior ao do mesmo período do ano passado, 6,45% acima do de 2016 e 3,38% a mais que em 2015. No entanto, a quantidade abatida ficou 7% e 6,5%, respectivamente, abaixo das registradas em 2014 e em 2013.

Considerando-se, especificamente, o terceiro trimestre, o volume de animais abatidos cresceu 7,2% frente ao mesmo período de 2017 e também o maior desde 2014. Esses dados ajudam a entender os movimentos de preços que ocorreram nos últimos anos e também em 2018. A maior oferta de animais em 2017 e 2018, devido ao aumento de produtividade, somada a um mercado doméstico desaquecido pressionaram as cotações ao longo do primeiro semestre de 2018.

Proyecciones para 2019 – Algunos analistas estiman que la oferta cederá

13/11/18 - por Equipe BeefPoint Ainda que alguns analistas do mercado acreditem em uma queda na oferta de boi gordo em 2019, os principais frigoríficos brasileiros apostam que o ciclo da pecuária seguirá favorável.

“O impacto da retenção de fêmeas só vai ser sentido em 2020”, diz a gerente-executiva de inteligência de negócios da Minerva Foods, Marcela Moura. Segundo ela, 2019 deve ser um ano de oferta de gado bovino tão boa quanto a deste ano.

A gerente da Minerva, que é a terceira maior empresa de carne bovina do país, argumenta que o último ciclo favorável aos frigoríficos apresentou uma taxa anual elevada de vacas abatidas. “Foram três anos acima de 45%”, afirma, em alusão ao período de 2012 e 2014. Diante disso, Marcela avalia que ainda há espaço para o descarte de vacas em 2019, o que seria positivo para a indústria.

De acordo com a executiva, a margem da criação de bezerros ainda não reagiu o suficiente para impedir o descarte de vacas. “A margem da cria atingiu o nível mais baixo em setembro de 2018”, afirma. Embora admita que a margem dos frigoríficos está distante dos períodos áureos do ciclo pecuário, César Castro Alves, analista da MB Agro, também aposta em mais um ano de grande disponibilidade de bois. “Acho que ainda tem mais oferta pela frente”.

Na Marfrig Global Foods, segunda maior produtora de carne bovina do país, os principais executivos também não esboçam preocupação com a oferta de gado em 2019. Em tese, a empresa seria uma das mais prejudicadas, na medida em que expandiu a capacidade de abates no Brasil em 75% desde o último ano, por meio da reabertura de unidades. Em entrevista ao Valor na semana passada, o CEO da companhia, Eduardo Miron, disse que a utilização da capacidade instalada no Brasil está “um pouco acima” de 80%.

“Não estamos preocupados com reversão de ciclo neste momento. Acho que mesmo com todo esse crescimento de abates, você vê que o preço [do gado] não teve uma variação significativa”, afirmou, reconhecendo a dificuldade para detectar o momento exato de reversão do ciclo da pecuária. “Gostaria de ter esse número mágico”, disse.

13/11/18 - por Equipe BeefPoint A oferta abundante de boi gordo no Brasil pode estar perto do fim. O cenário, negativo para os frigoríficos, entrou no radar de alguns analistas antes do esperado. Embora não seja consensual, a avaliação sugere que o movimento de reabertura de abatedouros que caracterizou o último ano encurtou o ciclo da pecuária, o que deve se traduzir na piora da rentabilidade em 2019.



No ano passado, dezenas de frigoríficos do país reabriram as portas, buscando aproveitar o aumento da oferta de boi e especialmente a crise da líder JBS, que chegou a reduzir drasticamente os abates após a delação premiada dos irmãos Batista. Mas a aposta de que a companhia quebraria se revelou errada, e a JBS retomou a liderança – a empresa tem cerca de 30% dos abates inspecionados do país.

Em meio ao quadro mais desafiador, o frigorífico Frigol, que fatura mais de R\$ 1 bilhão por ano, desistiu de reabrir a planta que alugou em Juruena (MT). A reabertura da unidade, sem operar há anos, chegou a ser anunciada para fevereiro, mas não ocorreu.

Para o proprietário de um frigorífico de médio porte, as empresas pagam o preço pelos equívocos. “Estão perdendo muito dinheiro em plantas abertas sem estudo”, diz ele, que sofreu com a maior concorrência por bovinos e prefere não ser identificado. No primeiro trimestre, a Marfrig Global Foods chegou a citar a maior competição por boi como um fator de pressão sobre a margem.

Nesse cenário, a confirmação da reversão do ciclo da pecuária pode tornar o quadro ainda pior. Neste ano, a margem dos frigoríficos brasileiros já não é das melhores para os períodos de maior oferta de gado. No acumulado do ano até outubro, o indicador de margem bruta calculado pela diferença entre o preço de carne bovina no atacado e o do boi ficou em 1%, ante a média histórica de 0,97%, segundo levantamento da consultoria MB Agro. “É meio de lado. Quando está muito bom, dá 1,05%”, afirmou o analista César Castro Alves. No ano passado, o indicador da MB Agro ficou em 1,02% – em abril, o índice bateu 1,08%, no maior nível desde 2010.

“Para quem está no mercado interno, 2019 provavelmente será um ano complicado”, diz o sócio-diretor da consultoria Athenagro, Maurício Nogueira. Para os grandes frigoríficos, o alento devem ser as exportações, que estão aquecidas e podem trazer margens mais consistentes no próximo ano, diz. Segundo ele, a capacidade dos pecuaristas de fornecer boi pronto para o abate é menor do que a demanda da indústria. “Acelerou o ciclo. 2019 já é ano de alta do boi”, acrescenta Nogueira.

A avaliação do especialista é reforçada pela diretora da consultoria de pecuária Agrifatto, Lygia Pimentel. “Acho que uma virada do ciclo acontece em 2019”, afirma, ressaltando que a situação deverá repercutir negativamente no resultado das indústrias. “Historicamente, quando o preço do boi sobe [cenário previsto para o próximo ano], os frigoríficos têm resultados piores”, afirma ela. O boi gordo representa, em média, 80% do custo de produção das indústrias.

Tecnicamente, explica Nogueira, o ciclo de alta do preço do boi gordo ocorre quando a cotação do animal pronto para o abate se valoriza acima da inflação. Essa é a etapa negativa do ciclo para os frigoríficos, quando os pecuaristas retêm mais vacas para aumentar o rebanho futuro. Nos últimos dois anos, o Brasil passava pelo cenário inverso do ciclo, mais favorável aos frigoríficos. Nessa fase, o preço do bezerro é menos rentável para os criadores, o que estimula os descartes de vacas.

De acordo com o sócio-diretor da Athenagro, o atual momento é de transição, do ciclo de baixa para o de alta. Para sustentar seu argumento, Nogueira menciona a oscilação de preços. Entre janeiro e outubro, a cotação do boi gordo subiu, em média, 5,17% no país. No mesmo intervalo, o Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI), calculado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), subiu 4,93%.

Adolfo Fontes, analista do Rabobank, também já nota sinais de inversão do ciclo, embora acredite que a redução do estoque de bovinos será mais sensível em 2020. “O preço voltou a estimular a cria [de bezerras]”, afirma ele, mencionando dados do levantamento de preços do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), vinculado à Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP). De acordo com o analista, o bezerro em Mato Grosso do Sul chegou a atingir R\$ 1,106 mil por cabeça em 17 de janeiro, menor patamar do ano. Agora, é negociado por mais de R\$ 1,214 mil, o que já representa uma alta de 9,7%.

Além disso, a evolução dos abates no país também dá força à tese de que o ciclo agora vai favorecer os pecuaristas em detrimento dos frigoríficos. Conforme os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 15,4 milhões de cabeças de bovinos foram abatidas no primeiro semestre, crescimento de 4,3% na comparação anual.

Além dos abates em si, outro dado que chamou a atenção de Lygia Pimentel, da Agrifatto, foi a participação de vacas no total dos abates. As fêmeas foram responsáveis por 46,6% e 44,3% dos abates no primeiro e segundo trimestres, respectivamente. Trata-se do maior nível desde 2014, conforme o IBGE.

Número de animais em feed lots es el mayor de los últimos seis años

Portal DBO - 14/11/2018 Os confinamentos localizados em Mato Grosso engordaram 743,8 mil bovinos em regime intensivo em 2018, aumento de 7,15% em relação aos 694,14 mil animais confinados no Estado no ano anterior, informou a Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat) com base em dados do 3º Levantamento das Intenções de Confinamento de 2018, realizado pelo Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea). O resultado representa o maior volume de gado confinado no Estado em seis anos.



Nesta temporada, o percentual de pecuaristas que optaram por confinar seus animais caiu para 63%, ante 68% registrado no ano passado. Sendo assim, os pecuaristas que concretizaram a intenção de confinar o fizeram com maior volume. O consultor da Acrimat, Amado de Oliveira Filho, explica que este cenário ocorreu devido ao aumento nos custos de produção dos insumos usados na ração pecuária.

“O milho continua sendo um dos componentes que elevam esse custo”, disse o consultor em nota. O cereal está, em média, 21% mais caro em 2018 quando comparado aos preços praticados em 2017. O farelo de soja tem um preço 35% maior.

“A utilização da capacidade estática de confinamento chegou a quase 80% este ano. Isso demonstra que a criação a pasto ainda tem peso grande e que os produtores terão boas condições daqui para a frente, devido ao volume de chuvas, que tende a beneficiar o pasto e engordar os animais”, acrescentou Amado.

Nueva Ministra de Agricultura deberá lidiar con resabios de Carne Fraca

14/11/18 - por Equipe BeefPoint Indicada para comandar o Ministério da Agricultura no próximo governo, a deputada Tereza Cristina (DEM-MS) mal começou a rotina de transição, com uma reunião na manhã de ontem com o presidente eleito Jair Bolsonaro (PSL), e já foi avisada pela equipe do atual ministro da Pasta, Blairo Maggi, que precisará de um plano de contingência para conter eventuais reflexos negativos de novas operações da Polícia Federal no rastro da Carne Fraca. No ano passado, a operação revelou um esquema de corrupção entre frigoríficos e fiscais agropecuários federais.

O encontro com Bolsonaro sedimentou pontos que têm sido alvo de especulações nas últimas semanas, como a separação entre os Ministérios da Agricultura e do Meio Ambiente e a incorporação, pela Agricultura, das secretarias da Agricultura Familiar e da Pesca, hoje vinculadas à Presidência. A jornalista, Tereza sinalizou que poderá influenciar na escolha do nome do colega se for instada a tal e que não há nada definido sobre as incorporações, mas que esse deverá ser o caminho. A deputada, que já foi líder do PSB mas votou a favor do impeachment de Dilma Rousseff, é considerada uma ruralista ponderada, atenta aos riscos de eventuais guinadas que prejudiquem as exportações do setor.

Nesta quarta-feira, a futura ministra se reunirá com o titular da Pasta, Blairo Maggi, que vai expor a ela a situação em que deixará o ministério. Na segunda-feira, o secretário-executivo da Pasta, Eumar Novacki, já recomendou à Tereza uma postura de prevenção e alertou para que ela esteja preparada para realocar fiscais para regiões onde houver frigoríficos que estejam no alvo de novas investigações policiais, tomar medidas administrativas como afastar e exonerar servidores suspeitos e acionar o Itamaraty com antecedência para evitar barreiras comerciais.

Tirar do papel a regulamentação das horas-extras dos fiscais e a criação de um fundo abastecido com taxas cobradas de frigoríficos para contratação de médicos veterinários do setor privado (sem concurso público) estão no rol de soluções que Tereza Cristina terá para avaliar. E, na coletiva de ontem, a futura ministra já afirmou que procurará um maior alinhamento entre a Agricultura e o Ministério das Relações Exteriores para buscar soluções para os embargos às carnes, entre outros pontos.

Blairo Maggi não conseguiu entregar a tempo a prometida reestruturação da Secretaria de Defesa Agropecuária (SDA) nem a modernização completa do sistema de inspeção agropecuária. Como informou o Valor, o ministro chegou a apresentar uma minuta de Medida Provisória para a Casa Civil, que esbarrou em resistências dos ministérios da Fazenda e do Planejamento, que alegaram que a lei geraria despesas adicionais em ano de eleição e iria onerar o caixa do governo.

Em seus primeiros dias como ministra, Tereza também ainda deverá encontrar fechado o mercado americano para a carne bovina brasileira in natura brasileira e terá que lidar com o embargo da União Europeia a 20 frigoríficos de carne de frango do país – 12 dos quais da BRF, maior exportadora mundial do produto.

“Vamos deixar uma bússola para a futura ministra e ela vai decidir o que manter ou fazer”, disse Novacki ao Valor. Além de ainda trabalhar com a possibilidade de que emerjam outros desdobramentos da operação Carne Fraca, epicentro das barreiras em vigor contra carnes brasileiras, o Ministério da Agricultura continua às voltas com problemas envolvendo o sistema de inspeção sobre frigoríficos, ainda alvo de críticas de países importadores.

“É preciso melhorar o problema [da falta] dos fiscais, não temos gente suficiente. Mas vou avaliar que projetos e programas podemos manter ou criar para reformular a fiscalização agropecuária no país”, afirmou Tereza Cristina ao Valor.

Na leitura de Maggi, a qualquer momento a PF pode deflagrar novas investigações e, além disso, o Ministério Público Federal pode divulgar a polêmica lista de cerca de 200 fiscais agropecuários que recebiam “mensalinhos” da JBS para trabalharem fora do expediente – a prática é proibida por lei. A revelação da lista consta de delação premiada do ex-presidente da JBS, Wesley Batista.

Além do encontro com Maggi, Tereza tem diversas reuniões marcadas para esta semana no Ministério da Agricultura. Amanhã, todos os secretários da Pasta vão lhe apresentar um balanço e detalhar problemas e pendências de suas áreas. Ao Valor, a futura ministra já disse que a estrutura burocrática do ministério precisa ser simplificada, com especial atenção para a área de defesa sanitária. “O governo precisa ter um



olhar de menor burocracia, menos entraves e mirar um melhor ambiente de negócios. Porque o investidor necessita de regras estabelecidas para apostar no agronegócio”, afirmou.

Brasil Venezuela: iniciaram un operativo conjunto para combatir la aftosa

Fonte: Mapa. 13/11/18 - por Equipe BeefPoint

Às 9 horas da manhã de sexta-feira, 9 de novembro, Deivis González, capataz do sítio Las Mujeres, na comunidade indígena de Acurimã, município de Gran Sabana, aguardava a comitiva de brasileiros e venezuelanos. O rebanho de 18 cabeças estava pronto no curral – 2 touros, 7 vacas, 4 bezerros machos e 5 fêmeas.

A equipe de veterinários brasileiros adiantou-se em fazer logo a vacinação, com o apoio do venezuelano José Gregório, auxiliar de campo. Mais três sítios estavam agendados para vacinar nesta manhã. O trabalho precisava ser executado com precisão e rapidez, e assim diminuir o stress dos animais que ficariam no curral o menor tempo possível.

Marcondes preparou as agulhas com as doses de 5 ml das vacinas armazenadas em caixas de gelo na caçamba da pick-up. Allan, Ernani e Nilton ajustaram as cordas, orientaram Gregório, González e os meninos do sítio na tarefa de ajudá-los a prender as reses.

Vacinar no laço é perigoso. Uma vez laçada, a rês precisa ser contida com firmeza por um ou mais auxiliares. O aplicador da vacina espera o momento certo, aproxima-se a uma distância segura, estica o braço armado com a pistola, injeta a vacina. Ele tem que ser ágil para escapar da imprevisível reação do animal.

O veterinário Elvio Cazola, chefe da comitiva brasileira, revezou-se com Marcondes na vacinação do pequeno rebanho. Quinze minutos depois, missão cumprida.

O capataz sorria, os meninos sorriam ao abrir a porteira para soltar a boiada no pasto. Os veterinários brasileiros se apressavam em recolher o material, conferir as anotações dos formulários de vacinação e seguir viagem, preocupados em concluir a agenda de visitas no prazo.

A pedido da agrônoma Ismalianeth Acuña, chefe da comitiva venezuelana, os brasileiros retardaram a viagem alguns minutos para o registro histórico: a foto da operação binacional de erradicação da febre aftosa na Venezuela, o único país das Américas que ainda não é reconhecido livre da doença, em todo o seu território, pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE).

Os olhos de Ismalianeth brilhavam: “Emocionante!”

Estratégia e Segurança

Guilherme Marques, diretor do Departamento de Saúde Animal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e delegado do Brasil na OIE, disse que a operação conjunta na Venezuela interessa a toda a América do Sul, em especial ao Brasil.

“Não é simplesmente uma questão humanitária, mas de estratégia e segurança. Existe um plano hemisférico de combate à doença.”

A Colômbia é outro país da Região Andina em luta contra a aftosa. O status colombiano de zona livre da doença foi alterado pela OIE em 17 de setembro de 2018, após as confirmações oficiais de focos no interior do país e na fronteira oeste com a Venezuela.

A atuação conjunta está prevista na Resolução número 1 da Comissão Sul Americana da Luta contra a Febre Aftosa (Cosalfa), de abril de 2018, que reconheceu a “necessidade premente dos 13 países membros apoiarem a Venezuela”, sob a coordenação do Centro Panamericano de Febre Aftosa (Panaftosa).

O plano de erradicação na Venezuela prevê três vacinações anuais para imunização do rebanho estimado em 15 milhões e 450 mil cabeças, segundo dados da Cosalfa-OIE de 2017: duas vacinações de todos os animais, de mamando a caducando, e uma vacinação somente de animais jovens.

Todo o Brasil foi reconhecido livre com vacinação pela OIE em maio de 2018. A exceção é Santa Catarina, livre de aftosa sem vacinação desde 2007. Atualmente, as principais ameaças à saúde do rebanho bovino brasileiro – o maior do mundo, com 219 milhões de cabeças – estão ao sul da Venezuela, na fronteira seca da Região Norte do Brasil, em Roraima, no município de Pacaraima.

Quando o Brasil encaminhou à OIE, em setembro de 2017, o pleito de reconhecimento de livre de febre aftosa com vacinação, apresentou a proposta de criação da zona de proteção em Pacaraima. Em 8 de outubro de 2018, a Instrução Normativa 52 do Ministério da Agricultura instituiu a zona de proteção na área de 180 quilômetros quadrados.

Ao longo da linha de fronteira de 33 quilômetros, Pacaraima faz divisa com Gran Sabana, o maior município de Bolívar, que é o maior estado da Venezuela: 240.528 quilômetros quadrados, 26% da área total do país.

“Nessa zona de proteção”, explica Guilherme Marques, “estabelecemos medidas de controle mais severas. As ações são mais fortes, mais incisivas do que no restante do estado de Roraima”.

A vacinação de todos os bovinos em Pacaraima é feita pelo Serviço Veterinário Oficial (SVO), na ação chamada de agulha oficial. O SVO nessa área é representado pelos veterinários e auxiliares de campo da



Superintendência Federal de Agricultura de Roraima (SFA-Roraima) e da Agência de Defesa Agropecuária de Roraima (ADERR). Os animais são identificados individualmente com brincos numerados e os embarques acompanhados pelo SVO em caminhões lacrados.

O diretor do Ministério da Agricultura prevê um longo período de existência da zona de proteção, que será mantida enquanto Venezuela e Colômbia avançam na erradicação e controle da doença. Segundo Guilherme Marques, a estimativa para alteração significativa do cenário epidemiológico na Região Andina é de dois a quatro anos.

“Estamos contribuindo para que a Venezuela alcance a condição de livre da aftosa. Até chegarmos lá precisamos da zona de proteção como uma medida adicional a todo o trabalho que já é realizado nessa região de fronteira”.

Operação Pacaraima

A parceria Brasil-Venezuela começou a ser construída em Pirenópolis, Goiás, em abril de 2017, quando as autoridades veterinárias dos dois países decidiram pela vacinação com agulha oficial dos rebanhos bovinos e bubalinos no raio de 15 km, traçado de ambos os lados, em paralelo à linha de fronteira.

Em setembro de 2018, brasileiros e venezuelanos reuniram-se novamente em Pacaraima e firmaram o compromisso de realizar a ação conjunta em todo o território da Venezuela.

O setor privado brasileiro doou 21 milhões de doses de vacinas, que estão sendo administradas pelo Brasil e Venezuela, sob a custódia e coordenação do Panaftosa.

Na linha de frente da Operação Pacaraima atuam 8 médicos veterinários, sob a orientação, desde Brasília, do coordenador de Animais Terrestres, Plínio Leite Lopes, e do chefe da Divisão de Aftosa, Diego Viali dos Santos.

Na primeira semana de novembro, cinco veterinários designados pelo Departamento de Saúde Animal do MAPA desembarcaram em Boa Vista, capital de Roraima, para executar a etapa inicial do plano de vacinação.

Os experientes veterinários Elvio Cazola, da SFA de Mato Grosso do Sul, e Roberto Carlos Arruda, da SFA do Maranhão, planejam e coordenam a realização das tarefas. Tudo é feito em parceria e de acordo com a equipe do Instituto Nacional de Saúde Animal Integral (INSAI), liderada pela agrônoma Ismalianeth Acuña, coordenadora regional para o estado de Bolívar.

Cazola e Arruda organizaram a logística, negociaram com os militares, autoridades civis e lideranças indígenas o trabalho de campo de quatro grupos de veterinários. O esforço foi premiado com o fornecimento de gelo gratuito para refrigerar as vacinas, presente de um comerciante de Santa Elena de Uairen, a cidade venezuelana mais próxima da fronteira brasileira.

Cada grupo terá uma pick up Chevrolet S10 ou Mitsubishi Triton, com as placas anotadas pelo Exército e permissão de trânsito livre; poderá transportar toneis de óleo diesel nas caçambas com autorização especial, pois há racionamento na Venezuela; e deverá colar no pábrisa a frase: “A Servicio del INSAI”. Para circular com mais facilidade pelas aldeias do município de Gran Sabana, o cacique e capitão-geral Juan González determinou que os veterinários contarão com a ajuda de guias indígenas.

A missão é vacinar, a partir da fronteira do Brasil para o interior da Venezuela, todo o gado em Gran Sabana (560 cabeças, estimativa não-oficial) e no município vizinho de Sifontes (6.700 cabeças, não-oficial), fazer as inspeções clínicas, registrar os rebanhos e as propriedades. As vacinações são precedidas de agendamento autorizado pelo proprietário ou responsável da propriedade.

A equipe está baseada em Pacaraima, mas conta com o apoio de mais dois veterinários sediados em Boa Vista: Terezinha Brandão, chefe de Saúde Animal da SFA-Roraima, e Marcos Duarte, da ADERR, responsável em Roraima pelo Plano Nacional de Erradicação da Febre Aftosa (PNEFA).

Cazola e Arruda farão o trabalho de sorologia, controlando a remessa para o Laboratório Nacional Agropecuário – Lanagro de Pedro Leopoldo, em Minas Gerais, das eventuais amostras de animais com sintomas de febre aftosa coletadas nas propriedades venezuelanas.

No último domingo, 11 de novembro, chegaram à fronteira três venezuelanos para completar as equipes com os veterinários brasileiros: Maria Velasquez, veterinária; Sérgio Ruiz e Kenny Parra, auxiliares de campo. Eles começam a trabalhar nesta segunda-feira, 12.

O veterinário Marcondes Dias Tavares, lotado na ADERR, já trabalhava na zona de proteção de Pacaraima desde 6 de novembro, terça-feira, acompanhado de José Gregório, auxiliar de campo venezuelano. O trabalho de Marcondes foi reforçado pelos veterinários Allan Cristian Mesacasa e Ernani Machado de Lima – cedidos pelo Instituto de Defesa Agropecuária de Mato Grosso (Indea-MT) – e Nilton Mesquita Júnior, cedido pela Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat).

O gaúcho Elvio Cazola orgulha-se do trabalho realizado pelos veterinários brasileiros em apenas quatro dias. “Os guris arregaçaram”, disse Cazola. “Eles vacinaram 357 animais nas comunidades indígenas de Gran Sabana. E para os próximos três dias, de segunda, 12, a quarta-feira, 14, já estão agendadas as vacinações em mais 9 propriedades.”



URUGUAY

Menor cotización del ganado gordo “es normal para la época del año”

15/11/2018 - El novillo cotiza US\$ 3,25 y la vaca US\$ 3,05 en cuarta balanza en promedio.

El mercado del ganado gordo está experimentando una tendencia de precios con correcciones a la baja que resulta “normal para la época” y “era una situación que muchos se esperaban”, comentó a Rurales El País Fernando Indarte, director del escritorio Indarte & Cía..

Contó que en los departamentos del litoral del país están saliendo muchos ganados preparados que se encuentran con plantas que están con faenas semanales muy importantes. “Esa ecuación permite que las bajas en los valores no sean más pronunciadas”, entiende.

Indarte se mostró positivo ante la caída de valores y afirmó que “no se trata de un momento de preocupación, sino de algo tradicional del mercado”. De todas maneras, los precios actuales son “veinte centavos a la carne por encima a los del año pasado”, un comportamiento “favorable” para el productor dado que se mantuvo la tónica durante todo el año.

Con disparidad entre plantas, el Director de Indarte & Cía. contó que las referencias de precios del novillo rondan los US\$ 3,25 y de las vacas los US\$ 3,05 a US\$ 3,10 a la carne. “Son valores promedios con variaciones leves y entradas largas, una realidad que parece lógica”, dijo.

Competitividad: Ganaderos y frigoríficos evalúan planteo conjunto al gobierno

15 de noviembre de 2018 Las gremiales de productores rurales y la industria frigorífica evalúan la posibilidad de hacer un planteo conjunto al gobierno ante los problemas de competitividad que enfrenta el sector productivo.

La Asociación y Federación Rural se reunieron con representantes de la industria frigorífica este lunes y consideraron diferentes caminos en busca de mejorar la competitividad y eficiencia productiva, con condiciones desventajosas respecto a la región y que se están haciendo sentir en el mercado internacional.

Gabriel Capurro, presidente de la Asociación Rural del Uruguay (ARU), explicó a Ganadería.uy que se exploró que posibilidad de mejorar la devolución de impuestos para mejorar la eficiencia de toda la cadena. La industria ha realizado gestiones con el gobierno con este objetivo, sin resultado positivo, en un escenario acotado por un alto déficit fiscal. Capurro señaló que en este sentido se está evaluando la posibilidad de hacer un planteo conjunto como “cadena cárnica”.

Se habló además del futuro de la Cuota 481. Aunque no hay confirmación oficial de cambios en la distribución, extraoficialmente se da por hecho que gran parte de la cuota (35.000 toneladas) será asignada de forma fija a EEUU. Se consideró de qué manera podría afectar a la cadena y qué alternativas tiene el mercado, sin posibilidades claras a la vista que cubran ese nicho en volumen y valor. Pero con expectativa ante la cercana apertura del mercado japonés y el de Singapur, que ya estaría habilitado, faltando solo las inspecciones sanitarias.

La industria observa con preocupación la escasa oferta de novillos, la más baja en muchos años, un factor que ha determinado valores altos del ganado si se compara con la región. Los frigoríficos entienden que es difícil seguir trabajando en estas condiciones y ambas partes consideraron fundamental buscar opciones para que se pueda seguir trabajando bien y pueda seguirse trasladando un buen precio al productor.

En caso de acuerdo UE –Mercosur de algún modo podría compensar lo que se pierda de Cuota 481.

El tema exportación en pie también estuvo sobre la mesa. Desde el sector industrial manifestaron que no están en contra de que se exporten animales vivos, pero sí apuntaron a políticas de Turquía que evaluaron como distorsivas, como altos subsidios para los animales en pie y barreras arancelarias muy altas para la carne.

Las gremiales acordaron volver a reunirse en el corto plazo, aunque aún no hay fecha definida.

Gremiales de productores y frigoríficos preocupadas por costos de producción

14/11/2018 - “Se soluciona con voluntad política y Estados ordenados en sus gastos”, aseguró el presidente de la Federación Rural, Miguel Sanguinetti.

Los presidentes de la Asociación Rural del Uruguay y de la Federación Rural se reunieron el pasado lunes con representantes de las gremiales de las industrias frigoríficas para analizar varios temas de preocupación: los altos costos de producción, exportación de ganado en pie, tratados comerciales que permitan reducir aranceles, productividad y más.

El presidente de la Federación Rural, Miguel Sanguinetti, comentó a Rurales El País que se trató de una instancia “informal” en un ámbito “más distendido” para “plantear temas comunes de preocupación y buscar sus respectivas soluciones”, al mismo tiempo, previendo nuevos encuentros en los próximos meses.



Los costos de producción significaron un punto central en la instancia entre productores e industriales y se comprometieron a “trabajar en todas las posibilidades que impliquen bajar los costos de un lado y del otro”, señaló el presidente de la Federación Rural. Además agregó: “Es claro que se soluciona con voluntad política y Estados ordenados en sus gastos (...) La energía eléctrica, por ejemplo, representa un costo muy importante para las plantas frigoríficas”.

Sanguinetti reiteró que es fundamental la voluntad política para determinar las condiciones que necesitan las agroindustrias uruguayas para su desarrollo y poder competir con el resto de los países. “Tiene que ser un tema de fondo y definitivo. La electricidad no puede ser un peso en la producción nacional”, sumó.

El productor y principal de la Federación Rural aseguró que las industrias frigoríficas ven con “gran preocupación” la cantidad de terneros que se van en pie del país y la disponibilidad de novillos para el próximo año. “Ellos dicen que hasta ‘x’ cantidad de cabezas no habría problemas pero cuando se pasan ciertos límites se empieza a perjudicar el stock”, contó.

“Es algo impensable transar con la exportación en pie”, quizás la solución pase en hacer lo necesario para “aumentar las tasas de procreos y producir más terneros”, resaltó Miguel Sanguinetti y agregó: “Tampoco sería una alternativa la cuotificación de la exportación”.

Auditoría de Japón inspeccionará plantas frigoríficas uruguayas

15 de noviembre de 2018 Uruguay recibirá una auditoría sanitaria de Japón posiblemente antes de fin de año, confirmó a Ganadería.uy una fuente del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca. Aún no estaría definida la fecha exacta, aunque extraoficialmente se maneja que arribarán en la segunda semana de diciembre, señaló otra fuente.

La auditoría visitará frigoríficos y habrá una presentación oficial, como es de rutina en cualquier auditoría. Por ahora se está en proceso de intercambio de modelos de certificados.

El canciller Rodolfo Nin Novoa es optimista respecto a la pronta apertura del mercado japonés para la carne congelada uruguaya y estimó que antes de fin de año podría haber novedades al respecto.

“Estamos esperando la decisión final con mucho optimismo (...) yo le diría este año”, dijo la semana pasada entrevistado por el programa Tiempo de Cambio de radio Rural.

MGAP pide priorizar el uso de la marca en el ganado

15/11/2018 Benech defendió la trazabilidad y pidió usar más la marcación.

El ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Enzo Benech, exhortó a los productores a seguir utilizando la marca, asociada a la guía de propiedad y tránsito, porque “es la que asegura la propiedad del ganado” y pidió no descansarse en la caravana de trazabilidad. Tal como lo pidieron las gremiales, en las ferias ganaderas, los inspectores del MGAP ya están priorizando la marca y la guía, sin descuidar la lectura de las caravanas de trazabilidad. De este modo, se intenta detectar cualquier anomalía como la que surgió en Treinta y Tres, donde tras una investigación de la Secretaría de Estado se encontraron 5.528 caravanas pertenecientes a 13 Dicoses (establecimientos). Todos tienen registrados eventos en el sistema, en absoluta normalidad.

“La gente usa menos la marca pero la normativa (Código Rural) no cambió. Es la herramienta que tenemos para garantizar la propiedad -junto con la señal en los ovinos- del animal”, afirmó el ministro.

Trazabilidad. Benech volvió a defender, una vez más, la trazabilidad bovina obligatoria y recordó que “Uruguay es el único país en el mundo que tiene todo su rodeo bovino con trazabilidad. Si no funcionara, estas irregularidades (por el caso de Treinta y Tres) no las hubiéramos encontrado nunca, porque la persona que está atrás de esto sabe cómo manejar el sistema”, reconoció el jerarca.

Para Benech es demasiado importante la trazabilidad del Uruguay y la garantía que le aporta a los mercados, como para que se ponga en tela de juicio” por una persona de mala fe que aprovechó el sistema en provecho propio.

El titular del MGAP, en rueda de prensa, brindó algunos detalles de las irregularidades detectadas en Treinta y Tres, donde el infractor ya está ante la justicia.

“Vamos a avanzar en la denuncia penal. Estamos revisando los procedimientos y por supuesto, están en trámite los análisis y las infracciones que cometió la persona”, afirmó Benech. A su vez, recordó que la infracción constatada por el MGAP abarca: abigeato, uso indebido de dispositivos electrónicos (caravanas), falsificación de documentos públicos y simulación de transacciones de haciendas en el sistema de información.

Benech explicó que el único involucrado es “un productor, integrante y único propietario de una Sociedad Anónima”. Dijo que “como productor y propietario de una Sociedad Anónima tiene los Dicose físicos (con y sin campo), tenedor y propietario interdictos, así como también el de sus hijos”.

A su vez, el comisario retirado, Julio Del Río, director de Planificación y Estrategia del Ministerio del Interior, aseguró que en lo que va de 2018, comparando con 2017, “estamos en una baja del abigeato” y contó cómo es el procedimiento que aplica la Cartera de Estado cuando el productor denuncia un abigeato o robo, luego ser georeferenciado.



PARAGUAY

Apareció la oferta de hacienda gorda y descendió el precio

15/11/2018 Faxcarne | Una semana sin lluvias y uno de los peores registros de faena para octubre derivó en un cambio de tendencia para el mercado del gordo en Paraguay que abandonó la firmeza de las últimas tres semanas.

Con una oferta que busca volver a la normalidad, la industria aprovechó para fijar unos 5 centavos menos en una primera etapa para las compras de esta semana con referencias de US\$ 3,15 para el novillo Europa trazado, US\$ 3,10 para el común y US\$ 3 para la vaca, por kilo carcasa en todos los casos.

“Seguramente noviembre muestre una fuerte recuperación de la faena. Los ganaderos quieren sacar el ganado que no lograron embarcar en octubre”, anticipó un comprador de hacienda.

Faena. La industria paraguaya viene cerrando un año 2018 complejo en su nivel de actividad.

En octubre se faenaron apenas 122.800 vacunos, un desplome de 27,5% respecto a las más de 169 mil cabezas de igual mes del año pasado. Además, fue el registro mensual más bajo al menos desde 2016.

En tanto, en el acumulado enero-octubre, la faena totaliza 1,579 millones de animales, con una contracción interanual de 8,6%. El año pasado la faena había superado los 2 millones de animales.

Paraguay confía en lograr ingreso a EE.UU. en el primer semestre de 2019

12/11/2018 Una misión técnica norteamericana está recorriendo varias plantas frigoríficas de Paraguay.

Las autoridades sanitarias de Paraguay confían en lograr la apertura del mercado de Estados Unidos para la exportación de carne vacuna en el primer semestre del 2019. “Están faltando los últimos pasos para que el mercado quede operativo y los norteamericanos reconocen las garantías sanitarias de Paraguay para la exportación de carne vacuna madurada y sin hueso”, dijo una fuente al portal El Agro.

Según publicó el Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) de Paraguay, en las últimas horas se realizó una reunión entre el titular de la institución del país, Dr. José Carlos Martín con los Directores Generales de la consultora estadounidense HACCP Consulting Group. En la agenda estaba previsto realizar una revisión del cuestionario sobre “Requisitos para la exportación de carne bovina paraguaya”.

Además concretaron dos visitas técnicas, una a Frigorífico Frigomerc SA y otra a Frigorífico Norte S.A. También tienen previsto auditar Frigorífico Frigochorti y Frigorífico Guaraní S.A.. Mientras que miércoles 14 y jueves 15 de noviembre los expertos realizarán capacitaciones técnicas dirigidas a profesionales del Senacsa sobre: Curso Normas del FSIS; POES/ SPS/HACCP, Microbiología, Bienestar Animal y Defensa Alimentaria y el viernes 16, Revisión del Self Reporting Tool (SRT) del Servicio de Inspección de Inocuidad Alimentaria, Departamento de Agricultura de los Estados Unidos, (FSIS- USDA) y reunión final en la institución.

Siguen tareas para habilitar exportación de carne a EE.UU. | Estadounidenses capacitarán a técnicos paraguayos

14 de Noviembre de 2018 Si Estados Unidos habilita a nuestro país a exportar carne bovina, permitirá abrir varios otros mercados importantes, dijo el titular del Senacsa. Destacó la tarea de verificación de frigoríficos que vienen realizando dos técnicos estadounidenses en Paraguay desde hace 15 días, con miras a ese objetivo.

Los doctores Robert Savage y Lynn Hodges, de la Consultora HACCO Consulting Group, de Estados Unidos, realizan tareas de verificación de frigoríficos en nuestro país, con el objeto de preparar a estas plantas ante una próxima auditoría del organismo sanitario estadounidense, con miras a habilitar la exportación de carne bobina al país del norte.

José Carlos Martín, titular del Senacsa, expresó que los mismos están haciendo una muy buena tarea. Este viernes tendrán una reunión final y escucharán el informe de los mismos. “Sabremos un poco qué es lo que encontraron y vamos a ver cuándo llegaríamos al mercado americano”, añadió.

Señaló que si bien una habilitación de ese mercado no será rentable a corto plazo, una vez obtenida la habilitación para exportar carne a Estados Unidos, le permitirá a nuestro país acceder a otros mercados importantes del rubro cárnico.

Mencionó como potenciales mercados para la carne paraguaya a México y Canadá, entre otros.

En estos días ambos técnicos brindarán capacitaciones dirigidas a profesionales del Senacsa y especialistas de frigoríficos.

Poca actividad viral

Por otra parte, consultado respecto a resultados del muestreo serológico para saber si hay circulación viral de la fiebre aftosa que hizo el Senacsa, el funcionario dijo que el sábado último culminaron los trabajos y que en los próximos días estarán brindando detalles.



No obstante, adelantó que se observó poca actividad viral de fiebre aftosa en las 29.000 muestras obtenidas de diferentes establecimientos ganadero del país.

Manifestó que el año pasado tuvieron 40 casos sospechosos y este año bajó a dos casos.

El informe deberá ser remitido antes del 30 de noviembre a la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE), agregó Martín.

Confirman a Idoyaga

Por otra parte, el Poder Ejecutivo confirmó ayer al Dr. Hugo Idoyaga, ex titular del Senacsa, como delegado oficial de nuestro país ante la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE). El citado funcionario ejerce esa representación desde 2012 y este año fue elegido vicepresidente del organismo mundial.

ARP sugiere buscar más y mejores mercados para la carne paraguaya Defiende su posición ante frigoríficos

12 de Noviembre de 2018 El titular de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), Luis Villasanti, cree que la industria cárnica debería orientar su esfuerzo a lograr más y mejores mercados y no conformarse con volumen y margen a costa del productor.

El presidente de la Cámara Paraguaya de Carnes, Juan Carlos Pettengill, había dicho que el precio del ganado debería bajar, de tal modo a ser más competitivos en el mercado internacional. Fue luego de que Rusia rehabilitara más frigoríficos de Brasil para exportar carne bovina a aquel país.

Se sabe que justamente Rusia se constituye este año en el principal comprador de carne bovina paraguaya. De acuerdo a los datos del Senacsa, del 1 de enero de 2018 al 30 de septiembre, ese país importó de Paraguay un total de 92.637 toneladas de carne. Esa actividad comercial generó a nuestro país un ingreso de US\$ 341.018.996.

Para Villasanti, la pretensión de bajar el precio del ganado constituye una “desafortunada expresión que desafía las leyes de la economía y del país”.

Señaló que esa expresión representa la idea de industriales que pretenden fijar los precios al productor para mantener sus márgenes. El productor es “tomador de precio”, expresó.

Los exportadores, sostuvo, hacen su oferta y ese precio se toma, excepto que tengan la necesidad de alimentar su industria y están dispuestos a pagar más. Hacerlo de otra forma significaría mantener o aumentar la ganancia a costa del productor y toda la carga de la cadena de negocios y de valor recaería sobre la parte que es la base de la cadena, la base que ha generado la calidad excepcional de la carne paraguaya, recalcó.

A criterio de Villasanti, el esfuerzo de la industria, como lo hacen otros sectores empresariales, debería orientarse a tener más y mejores mercados, donde el producto se valore y se pague, y no conformarse con volumen y margen a costa del productor.

Según el titular de la ARP, las leyes del mercado dicen que si alguien quiere lo que producimos, lo paga, y si su deseo aumenta, paga más. Caso contrario, si disminuye, paga menos. Esta es la variación de precio con base en el libre mercado, garantizado por la ley y no la fijación del mismo para que unos ganen a costa del otro.

“Defendemos el libre comercio y sobre todo la libertad que cada sector disfrute del esfuerzo de su trabajo e inversión para que pueda seguir contribuyendo a la creación de empleo y la grandeza del Paraguay”, concluyó.

UNIÓN EUROPEA

Acuerdo con Mercosur: está en una fase decisiva

12/11/18 - por Equipe BeefPoint

Correndo contra o relógio e tentando fechar um acordo antes da posse do presidente Jair Bolsonaro, a UE recebe nesta segunda-feira uma delegação do Mercosul para o que está sendo chamado em Bruxelas de um momento “decisivo” nos 18 anos de negociações. Bruxelas não esconde que espera que os países sul-americanos apresentem concessões para garantir maior acesso a seu mercado.

A UE indicou que quer um entendimento, inclusive para ser assinado durante a reunião do G20 em Buenos Aires no final do ano. Mas enfrenta a resistência da França, Austria e outros países protecionistas do bloco, que não querem que o calendário eleitoral determine o futuro do acordo.

No centro do debate está a abertura da UE para os produtos agrícolas europeus, considerada como insuficiente por parte do Mercosul, principalmente no que se refere à carnes e etanol. A esperança do Mercosul é de que uma nova oferta em certos produtos seja colocada sobre a mesa nesta semana, indicando um maior acesso.

De outro lado, os europeus querem um compromisso maior do Mercosul para que haja uma abertura do setor industrial, principalmente no mercado de veículos e proteção à seus produtos. Procurado, o



Itamaraty indicou que “não há expectativa de apresentação de qualquer dos lados de ofertas abrangentes”, já que isso já teria ocorrido.

“Agora estão sendo trabalhadas as pendências em regulamentos e produtos específicos, onde os dois lados buscarão convergência”, indicou a chancelaria. “Seremos construtivos e estamos certos de que os negociadores europeus também o serão”, completou o governo brasileiro.

Francisco Assis, deputado europeu e presidente da sessão do Mercosul no Parlamento Europeu, não deixa dúvidas sobre a importância do encontro. “Estamos entrando na fase decisiva das negociações”, disse neste fim de semana à reportagem.

Se houver um avanço, ministros de ambos os lados do Atlântico serão chamados para iniciar a fase final do entendimento a partir do dia 19.

Ao Estado, a Comissão Europeia indicou que os negociadores “tentarão superar algumas das pendências para permitir que o processo avance”. “Os problemas que precisam de mais trabalho são conhecidos e precisam de um processo técnico e político intenso”, defendeu Bruxelas, que insistiu que continua “comprometida” com um acordo.

Mas o governo francês já fez questão de alinhar os países mais protecionistas no setor agrícola para alertar Bruxelas de que não irão aceitar ceder apenas para fechar um acordo antes da posse de Bolsonaro.

“Nossa mensagem é clara: sim para um acordo. Mas o calendário não pode prevalecer sobre o conteúdo”, disse Jean-Baptiste Lemoyne, secretário de Estado para comércio. “Camos nos encontrar em Buenos Aires (no final do ano), mas existe uma vida depois de Buenos Aires e se precisamos de algumas semanas ou meses, não podemos fazer um drama”, afirmou.

Ele relatou como, na reunião da última sexta-feira na UE, “vários países” lembraram a Comissão sobre o fato de que existe um mandato dado pelo bloco para que se negocie dentro de certos padrões. Segundo o francês, um dos assuntos delicados para Paris seria a cota para a entrada da carne brasileira e do Mercosul.

“Próximo às eleições europeias de 2019, Bruxelas está atenta a movimentos internos no bloco e, portanto, deve manter um posicionamento cauteloso e pragmático em relação ao Brasil”, disse Emily Rees, sócia da Agência Atlântico, em Bruxelas.

Segundo ela, “existem ainda vários pontos abertos na reta final dessa negociação, incluindo prazos para desgravação tarifária do Mercosul para produtos industrializados europeus, assim como a ampliação das quotas agrícolas oferecidas pela UE ao membros do Mercosul”.

Outro ponto defendido pela França é a vinculação direta entre o acordo de livre comércio com a exigência de que todos no novo tratado façam parte do Acordo de Paris, sobre o clima. Uma assinatura do entendimento comercial, portanto, obrigaria o Brasil a se manter no acordo climático, uma preocupação atual da Europa diante dos sinais dados por Bolsonaro de que poderia rever a posição do País.

BREXIT: Recomendaciones para encauzar este proceso

Brussels, 14 November 2018 The negotiators of the European Commission and the United Kingdom have today reached a deal on the terms of the Article 50 Withdrawal Agreement.

All aspects of the Withdrawal Agreement have now been finalised and agreed at negotiator level. This agreement marks a decisive moment in the negotiations. The European Commission therefore recommended to the European Council (Article 50) to find that decisive progress has been made in the negotiations on the orderly withdrawal of the United Kingdom from the European Union, allowing the negotiations on the withdrawal agreement to be concluded and the next step of the process to be initiated. The negotiators have also agreed on an outline of the political declaration on the future EU-UK relationship.

The Withdrawal Agreement covers all elements of the UK's withdrawal from the EU: citizens' rights, the financial settlement, a transition period, governance, Protocols on Ireland, Gibraltar and Cyprus, as well as a range of other separation issues.

The EU and the UK negotiators have agreed on how to avoid a hard border between Ireland and Northern Ireland. Both will use their best endeavours to have - by 1 July 2020 - a future agreement concluded before the end of the transition period. Should this not be the case, the EU and the UK could jointly extend the transition period. Alternatively, as of January 2021, the backstop solution for Ireland and Northern Ireland would apply, subject to a joint review mechanism.

That backstop solution means that a single EU-UK customs territory will be established, which will apply from the end of the transition period until such a time as a subsequent agreement becomes applicable. Northern Ireland will therefore remain part of the same customs territory as the rest of the UK. The single customs territory covers all goods with the exception of fishery and aquaculture products.

The creation of the single customs territory includes the corresponding level playing field commitments and appropriate enforcement mechanisms to ensure fair competition between the EU27 and the UK.



The outline of the political declaration published today records the progress in reaching an overall understanding on the framework for the future EU-UK relationship. The EU and UK negotiators will continue their work based on the outline.

Nothing is agreed until everything is agreed. The present Withdrawal Agreement – including the transition period – must take into account the framework of the future relationship. The political declaration must therefore be further developed and agreed in its final form.

In parallel, the European Commission will continue its preparedness and contingency work for all eventualities.

Next steps

The EU and UK negotiators will continue their work on the political declaration on the framework for the future relationship based on the outline published today. It is up to the President of the European Council to decide whether and when to convene a meeting of the 27 Heads of State or Government. It will be up to the European Council (Article 50) to endorse the Withdrawal Agreement and the joint political declaration on the framework of the future relationship.

Once the Withdrawal Agreement is endorsed by the European Council (Article 50), and before it can enter into force, it needs to be ratified by the EU and the UK. For the EU, the Council of the European Union must authorise the signature of the Withdrawal Agreement, before sending it to the European Parliament for its consent. The United Kingdom must ratify the agreement according to its own constitutional arrangements.

Background

Prime Minister Theresa May triggered Article 50 of the Treaty on European Union on 29 March 2017 (read more here). Her letter to Donald Tusk, the President of the European Council, formally began the process of UK's withdrawal from the EU. Negotiations on the terms of the UK's withdrawal formally began on 19 June 2017, following the UK's general election. On 8 December 2017, the EU and the UK published a Joint Report, setting out the areas of agreement between both sides on withdrawal issues. This was accompanied by a Communication by the European Commission. In March 2018, the European Commission and the United Kingdom published a draft Withdrawal Agreement. This document highlighted areas of agreement and disagreement using a green, yellow and white colour-coding. The future relationship between the EU and the UK will be outlined in a political declaration and will only be negotiated once the UK becomes a third country, i.e. outside of the EU, after 29 March 2019.

ESTADOS UNIDOS

JAPON podría eliminar la restricción de edad que estableció por BSe

November 14, 2018 - Japan's Food Safety Commission is scheduled to meet to possibly remove the age restrictions on cattle for U.S. beef exports to Japan. According to the Japanese news agency Kyodo, the research unit of the Food Safety Commission has considered the potential impacts of removing the age limit since April, in response to continued pressure from the U.S. to remove the Bovine Spongiform Encephalopathy (BSE)-linked age restriction.

In 2003, Japan banned all imports of U.S. beef following the discovery of BSE in a U.S. cow, but resumed imports in 2005 from cattle no more than 20 months of age. That age limit remained until January 2013, when Japan agreed to ease the restriction to beef from cattle up to 30 months of age.

Japan has been America's number one beef export destination for years. Prior to the BSE-related ban in 2003, Japan was importing \$1.3 billion in U.S. beef. In 2017, Japan imported more than \$1.5 billion from U.S. beef suppliers, and through September of 2018 it had already imported \$1.3 billion.

Removing the age restrictions could further help the U.S. relative to competitiveness in the Japanese market as it seeks to compete against Australia with both Japan and Australia in the revised Trans-Pacific Partnership (TPP) agreement, dubbed CPTPP.

Aumentó el consumo de carne bovina y porcina mientras retrocede la de aves

Tuesday, November 13, 2018 CHICAGO (Reuters) - Americans are losing their taste for chicken and eating more beef and pork as President Donald Trump's trade wars reduce U.S. pork exports to China and Mexico and leave cheaper bacon and ribs at home.

An expansion in the number of U.S. hogs and cattle is contributing to the change in diets by boosting supplies of pork and beef. Restaurants are seizing on the increases to promote hamburgers instead of chicken, while grocery stores have featured pork.

The shift is hurting chicken producers, such as Tyson Foods Inc and Sanderson Farms Inc, said Bill Roenigk, an agricultural economist and consultant for the National Chicken Council trade group. He said the chicken sector would generally lose money or break even in the fourth quarter of 2018.



Tyson on Tuesday reported quarterly sales that missed Wall Street estimates, sending its shares lower even though the company posted an overall profit. Operating income from chicken fell nearly 34 percent from a year earlier, while beef operating income was up about 14 percent.

"The shift from chicken to beef and pork has been far more pronounced than anyone had imagined," said Heather Jones, managing director for investment firm Vertical Group.

The pain for chicken producers and the increased appetite for pork are ripple effects of Trump's trade disputes, which have also reduced shipments of U.S. soybeans and sorghum to China.

"With all that pork on the market," Roenigk said, "it has spilled over to affecting consumers' demand for chicken."

Pork prices have fallen as retaliatory duties of 62 percent in China and up to 20 percent in Mexico have curtailed U.S. exports to those countries.

Kraft Heinz Co, which owns the Oscar Mayer brand, cut prices for bacon after pork belly prices declined.

Ahold Delhaize's Food Lion and Stop & Shop grocery stores have offered deals and launched marketing campaigns for pork, said Jarrod Sutton, a vice president for the National Pork Board trade group.

Food Lion said it offers promotions based on product availability.

The U.S. Department of Agriculture projects per capita chicken consumption will rise only about 1.2 percent next year, compared to gains of 4.3 percent for pork and 2.6 percent for beef.

Promotions at restaurants such as Wendy's Co, which is featuring a "S'Awesome" hamburger with three strips of bacon, are helping fuel pork and beef demand, according to the National Cattlemen's Beef Association, an industry group.

Wendy's said it generally does not adjust marketing based on short-term changes in commodity prices.

Yet, quick-service restaurant chains released 54 new hamburgers through September this year, up about a third from last year, according to a survey of about 75 chains by Datassential, which analyzes menu trends. Releases of chicken products fell 14 percent, said Datassential, which also reported a decline in new pork dishes.

The slowdown in chicken consumption is a turnaround for meat companies. Tyson is building a \$300 million plant to process 1.25 million more birds a week after struggling to keep up with chicken demand last year. In July, the company, which also sells beef and pork, cut its 2018 profit forecast, citing uncertainty in trade policies.

Tyson's CEO, on a conference call on Tuesday to discuss quarterly results, said the company could benefit in 2019 if the food service industry more heavily promotes chicken.

Mexico slapped tariffs on imports of U.S. pork after Washington implemented duties on imports of aluminum and steel. Both sides maintain their tariffs despite a recent trade deal by the United States, Mexico and Canada.

Implementation of those trade agreements should help boost pork exports and push Americans back to chicken, said Bill Lovette, chief executive of Pilgrim's Pride Corp. The chicken company, owned mostly by JBS SA, reported third-quarter net sales fell 3.4 percent to \$2.7 billion.

Sanderson Farms, the third-biggest U.S. poultry producer, reports earnings in December.

Lower demand this month pushed prices for U.S. chicken breasts to their lowest weekly average on record, according to an index from food-service company ArrowStream.

Chicken supplies in cold storage facilities reached a record at more than 959 million pounds (435 million kg) at the end of September, according to USDA data. Beef and pork supplies in cold storage were about 2 percent and 10 percent below records set in 2016 and 2015, respectively.

Refrigerated storage company Lineage Logistics said meat was backing up near major U.S. ports due to tariffs, and it projected that rising meat supplies would create a shortage of storage space.

Kerry Wilson, a Florida mom, is taking advantage of the increase in beef and pork supplies. She said she grew tired of chicken after preparing it up to four nights a week and finds pork has more flavor.

"I can't gussy it up enough anymore," she said of chicken. "It just seems to be the same taste."

Faena de novillos por debajo del nivel de 2017

November 14, 2018 Steer slaughter continues to run below year ago levels so far this year. This despite the fact that the quarterly feedlot inventories have shown more steers on feed in 2018 compared to last year. For the year to date, steer slaughter is about one percent below last year but in the last four weeks has averaged very close to year ago levels. Steer slaughter has averaged 51.6 percent of total cattle slaughter so far this year, down from 52.9 percent of total cattle slaughter in 2017. As heifer and cow slaughter return to normal levels, steer slaughter will move closer to the long term average of 50.6 percent of total slaughter.

Steer carcass weights have averaged about 4 pounds above year earlier levels so far this year. Weekly steer carcass weights may have peaked seasonally a bit early the first week of October at 903 pounds. Steer carcass weights averaged 895 pounds in the latest weekly data but could jump to a higher seasonal peak yet in November.



Heifer slaughter so far this year is averaging about seven percent above year ago levels with smaller year over year increases in recent weeks pulling the year to date total down to a smaller increase. In the last four weeks, heifer slaughter has averaged just 1.5 percent over year earlier levels. Heifer slaughter thus far in 2018 has averaged 27.8 percent of total cattle slaughter, up from 27.2 percent in 2017. As heifer retention continues to slow, heifer slaughter will approach the long term average just under 30 percent of total cattle slaughter.

Heifer carcass weights have averaged about 8 pounds heavier year over year for the year to date. Like steers, heifer carcass weights may have peaked seasonally at 835 pounds the first week of October. In the latest weekly data, heifer carcass weights were 828 pounds but could increase to a more typical seasonal peak in November. Heifer carcass weights continue to increase relative to steers. The latest twelve month moving average heifer carcass weight as a percent of steer carcass weight was another record at 92.7 percent.

Total cow slaughter is up 7.3 percent year to date with beef cow slaughter up 10.5 percent year over year as beef cow culling returns to long term average levels. Dairy cow slaughter has moved higher as months of poor dairy economics have pushed the dairy sector to reduce cow numbers somewhat. Dairy cow slaughter is currently up 4.3 percent year over year for the year to date. Cow slaughter is averaging 18.9 percent of total cattle slaughter so far in 2018 compared to a long term average of 17.7 percent of total slaughter. Cow carcass weights are averaging nearly five pounds heavier year over year with more dairy cows adding to cow carcass weights.

Total cattle slaughter is up 2.7 percent year over year thus far in 2018. Increased cattle slaughter, combined with an average of 2.3 pounds increase in cattle carcass weights, both contribute to a year to date increase in beef production of 2.7 percent year over year. Total 2018 beef production is projected to be 27.0 billion pounds, a new record beef production total for the U.S. Beef production is forecast to grow to another record level of 27.5 billion pounds in 2019.

Crece el requerimiento de programas de Aseguramiento de Calidad para los proveedores de hacienda

November 16, 2018 - "A key positive is these companies turned to an industry-accepted program instead of requiring additional certifications," says Chase DeCoite, director of the Beef Quality Assurance program. (Drovers)

Earlier this year, several beef packers announced they would require Beef Quality Assurance (BQA) certification from fed cattle suppliers, starting Jan. 1, 2019. Leaders from Tyson and Cargill say this effort is driven by beef retailers and consumers, who are asking for more information about how cattle are raised.

Cargill is on schedule to meet its commitment for 90% of its suppliers being compliant by the end of 2018. "We support both BQA and the BQA Transportation because we believe it is the right thing to do for caring for, and handling, cattle," says Lacey Alexander, Cargill's animal welfare lead for beef .

"Consumers and customers want to know more about the beef they buy and additional assurance cattle producers are doing what's right for the animals they raise," says Gary Mickelson, Tyson spokesperson. "Our beef industry has a great story to share, and consumers are listening. Most have never been to a farm and may not know the day-to-day practices that go into caring for animals. However, they want to know that animals raised for food are properly cared for by all operators in the supply chain. They want to make buying decisions with confidence that animals used produce the meat, and leather, they buy, were treated in a way that aligns with their values."

Tyson is also a major supplier to Wendy's, who says they are committed to sourcing 100% BQA Certified beef.

Additionally, Tyson will require BQA Transportation certification of all transporters delivering cattle to our facilities by Jan. 1, 2020.

"A key positive is these companies turned to an industry-accepted program instead of requiring additional certifications," says Chase DeCoite, director of the Beef Quality Assurance program. "It's a kudos to beef producers that had the forethought to start a quality initiative 30 years ago."

DeCoite says using the current BQA guidelines, they can offer consumers greater transparency in how food production animals are raised. "This is a program by cattlemen for cattlemen."

Several questions have been raised about the requirement, specifically who in the beef supply chain needs to be certified. As the requirement states, producers supplying fed cattle would need to provide certification. Many livestock markets have extended that to all cattle sellers, so producers should check with their marketing partners to ensure they are prepared before transporting cattle. Two separate certifications cover the sale and transport of cattle. One is for those that sell to packers and another is for those that transport cattle to a packer.

How to Get Certified

Producers, feedlot workers and transporters have two ways to complete certification.



Online certification at www.BQA.org is free. The online training program can be completed at the producer's or transporter's own pace in an interactive manner. The site was redesigned in 2017 to offer a better user experience as well as top education tools.

Producers can also attend in-person BQA trainings through many state associations. "We are working with our state coordinators to get these events scheduled and shared on BQA.org," DeCoite says.

"As of Oct. 31, 2018, we've had more than 38,000 certifications completed online, with more than 60,000 enrolled in the online platform. As producers work through the program at their own pace, we'll see those enrollments move to complete certifications. In-person certifications total 58,000 this year," DeCoite says.

Year-over-year, the BQA program has more than doubled certifications each month.

AUSTRALIA

Exportaciones aumentaron en el mes de octubre. Riego de que se revierta la tendencia ascendente

14 November 2018 October beef exports finished the month just shy of 99,000 tonnes swt, up 15% year-on-year, and were encouraged by strong global trading conditions and elevated slaughter.

Year-to-October exports were 939,000 tonnes swt, 12% above last year but still below the drought-induced peaks of 2014 and 2015. Despite export growth in 2018, some markets host headwinds while the global economy remains exposed to trade war-related risk.

Increased supplies flowing onto global market

Part of the reason for increased exports has been record numbers of cattle on feed and ongoing drought resulting in greater female turn-off.

September quarter numbers on feed will be released next week and are anticipated to remain at record highs. Fed cattle have continued to flow through supply chains and have boosted grainfed beef exports, which were up 20% year-on-year in October at 27,000 tonnes swt.

Meanwhile drought has continued to bite into the breeding herd, with female slaughter trending higher since February. Grassfed beef exports, up 13% in October at 72,000 tonnes swt, have been supported by increased female turn-off but export tonnages have been nowhere near as great as 2014–2015 as the herd did not go through the same expansion in the lead-up to drought.

Positive global conditions but risks abound

Exports this year have been supported by strong global conditions. Despite a small recovery since the start of November, the Australian dollar has tracked lower against the greenback throughout 2018, making exports more competitive against US beef.

Increased demand has been led by China, where Australian exports were up 53% year-on-year between January and October, and other major suppliers, namely Brazil and Argentina, have recorded similar growth. In fact, on the current trajectory, China may overtake Korea as Australia third largest export market by volume at the close of 2018.

Australia faces temporary headwinds in Korea, following it triggering safeguard volumes last month, leading to higher tariffs on product cleared before the New Year. Subsequently, Australian beef exports to Korea in October declined 10% on the previous month (exports to all markets increased 8%) but were still up 25% year-on-year. Meanwhile, US beef exports into Korea have been strong, up 39% between January and September, benefitting from unhindered trade due to a higher safeguard.

Fortunately, favourable access into Japan has seen Australia defend its strong market share from growing US competition. The US exports to Japan within the shared non-EPA (Economic Partnership Agreement) chilled and frozen beef safeguards, which have been close to full utilisation in recent quarters. The frozen non-EPA beef safeguard, previously triggered in 2017, sat at 97% utilisation on a cumulative basis at the end of the September quarter. Non-EPA frozen safeguard volumes are scheduled to contract this quarter and next – from 44,000 tonnes swt and 45,000 tonnes swt in the June and September quarters respectively, to 29,000 tonnes swt and 18,000 tonnes swt in the December and March quarters – and will keep pressure off expanding US beef supplies.

However, while trading conditions have been positive, risks remain. Particularly, the US-China trade war continues and, while beef is yet to be directly affected (China did apply tariffs to US beef but it reflected little trade), major stock market corrections in both countries this year may reflect a broader base risk that could spread to the rest of each respective economy. An economic slowdown in either or both countries would hurt Australia on a number of fronts:

Australian exports have benefitted from a strong US economy and appreciating US dollar.

Strong domestic US demand has kept meat consumption elevated, preventing expanding supplies from entering export markets.

China has drawn in record amounts of beef this year, largely thanks to the success of its ongoing economic expansion and burgeoning urban middle-class.



Faena y producción afectadas por la sequía

14 November 2018 Latest ABS data for September points to a decline for both slaughter and production across cattle and sheep.

Cattle slaughter

Adult cattle slaughter in September remained well above 2017 levels, up 8% year-on-year. For the last six months, adult cattle slaughter has been tracking very closely to the five-year average. The herd liquidation that occurred during the 2013–15 drought, elevating the five-year average, illustrates the high levels of processor throughput.

Female slaughter is continuing to account for the larger percentage of the adult kill, averaging just over 51% in September. The 12-month rolling average is just over 49%, the highest level since the end of 2015.

Cattle carcass weights

Male carcass weights have stayed remarkably stable over the last 12 months despite the drought conditions across much of the country – the national average weight in September was down just 1kg year-on-year to 329kg. This can be mainly attributed to the record number of cattle in feedlots, which are predominantly male cattle.

Female carcass weights have continued to decline, as even with some widespread rain, there is yet to be meaningful pasture growth. National average female carcass weights in September were down 5% year-on-year, to 244kg.

EMPRESARIAS

JBS buen resultado operativo, pero números en rojo

14/11/18 - por Equipe BeefPoint

A melhora dos negócios no Brasil e as condições favoráveis à produção de carne bovina nos EUA levaram a JBS, maior empresa de proteínas animais do mundo, a registrar o melhor desempenho operacional trimestral de sua história. A performance de julho a setembro só não se traduziu em um lucro líquido devido ao impacto de R\$ 2,4 bilhões (sem efeito sobre o caixa) da adesão da empresa ao Refis do Funrural, informou ontem a companhia em balanço.

Contabilmente, a JBS registrou prejuízo líquido de R\$ 133,5 milhões no terceiro trimestre. No mesmo período de 2017, teve lucro de R\$ 323 milhões. Não fosse o Refis do Funrural e o impacto da variação cambial sobre o valor da dívida (também sem efeito no caixa), a companhia teria lucrado R\$ 2,135 bilhões. No terceiro trimestre, gerou R\$ 2,3 bilhões em caixa livre, e voltou a reduzir o índice de alavancagem (relação entre dívida líquida e Ebitda) – de 3,47 vezes, no fim de junho, para 3,38 vezes em setembro.

Na área operacional, a JBS reportou lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) ajustado de R\$ 4,4 bilhões, um recorde. Trata-se de um incremento de 2,6% ante os R\$ 4,3 bilhões do mesmo intervalo do ano passado. A margem Ebitda ajustada atingiu 9% no terceiro trimestre, ainda abaixo dos 10,5% registrados um ano antes.

Em vendas, a JBS também teve expansão. No terceiro trimestre, sua receita líquida aumentou 20% na comparação anual, para R\$ 49,4 bilhões. Em bases anualizadas, isso significaria quase R\$ 200 bilhões.

Em grande medida, o resultado recorde se deveu ao Brasil, onde a JBS teve sensível melhora e ajudou a minimizar as dificuldades enfrentadas na controlada Pilgrim's Pride, empresa de frango dos EUA que sofre com a ampla oferta e fraca demanda. De certo modo, os americanos preteriram o frango em favor das carnes vermelhas, o que não deixa de ajudar a JBS em outra frente. O negócio de carne bovina nos EUA, o mais importante da companhia, registrou Ebitda de US\$ 446,7 milhões, alta de 10,3% na comparação anual. A margem subiu de 7,3% para 8,2%.

No terceiro trimestre, a divisão JBS Brasil – que contempla os negócios de carne bovina e couros – viu seu Ebitda ajustado aumentar em quase dez vezes, de R\$ 72,5 milhões no terceiro trimestre de do ano passado para R\$ 712,2 milhões. A margem Ebitda ajustada da divisão superou 10%, ante margem de 1,4% vista um ano atrás.

A melhora da JBS Brasil reflete o salto dos abates neste ano, o que consolida a recuperação da empresa em seu mercado de origem – a carne bovina. Entre julho e setembro, os abates nos frigoríficos da JBS no Brasil cresceram 29,3%. No ano passado, a empresa restringiu fortemente os abates em reação à delação premiada dos irmãos Batista. Nesse cenário, a receita líquida aumentou 37,2% na comparação anual, a R\$ 7 bilhões.

No Brasil, também houve melhora na Seara, subsidiária que reúne os negócios de frango, suínos e alimentos processados. Em relatório, a JBS destacou o aumento de preços da Seara ao longo do terceiro trimestre. Nesse cenário, o Ebitda da Seara aumentou 0,7% ante o mesmo período do ano passado, a R\$ 512,1 milhões. A margem Ebitda da Seara ficou em 10,3%, bem acima dos 5,5% registrados no segundo trimestre (quando a empresa sofreu com a greve dos caminhoneiros), mas ainda abaixo dos 11,1% do terceiro trimestre de 2017.



Impacto negativo luego de la prisión de Joesley Batista

12/11/18 - por Equipe BeefPoint A prisão do empresário Joesley Batista reacende a desconfiança dos investidores de bônus sobre a JBS. O papel da empresa para 2026 caía 0,256 pontos-base nesta tarde.

O empresário, que está afastado do comando e do conselho da empresa, foi preso nesta manhã na Operação Capitu da Polícia Federal, que apura a atuação de uma suposta organização criminosa na Câmara dos Deputados e no Ministério da Agricultura.

A notícia veio justamente em um momento em que a JBS estava conseguindo recuperar a confiança do mercado após os escândalos de corrupção envolvendo executivos da empresa.

Em outubro, a JBS conseguiu captar US\$ 500 milhões, pagando uma rentabilidade de 7,125%.

JBS firmó acuerdos comerciales con empresas chinas por un monto potencial de US\$ 3400 millones

16/11/18 - por Equipe BeefPoint O presidente do conselho de administração e diretor de relações com investidores da JBS, Jerry O'Callaghan, afirmou hoje que a empresa fechou memorandos de entendimentos que têm potencial para render US\$ 3,4 bilhões em exportações de carnes para a China.

Os acordos foram firmados na semana passada, durante a feira China International Import Expo (CIIE), disse Jerry durante teleconferência com analistas. O principal acordo, com o braço de alimentos frescos do Alibaba, já havia sido anunciado pela JBS. Além do acordo com o Alibaba, de US\$ 1,5 bilhão, a JBS também assinou memorandos de entendimentos com varejistas como as chinesas Unifood e Grand Farm, entre outras.

Segundo Jerry, os acordos firmados com o chineses dizem respeito tanto a produtos feitos no Brasil quanto na Austrália. Atualmente, a Grande China (inclui Hong Kong) é o principal destino das exportações globais da JBS. No terceiro trimestre, o país representou 22,4% das exportações. A empresa não detalha o valor das exportações.

IPO nos EUA

A listagem da JBS Foods Internacional na bolsa de Nova York segue como uma prioridade para a JBS, afirmou hoje o presidente do conselho de administração da companhia, Jerry O'Callaghan, em teleconferência com analistas.

"A companhia, há vários anos, busca ter uma listagem mais adequada à realidade das atividades. Temos algo próximo de 60% oriundo das atividades que a gente tem na América do Norte", argumentou Jerry.

O executivo ponderou que o IPO da subsidiária, que responde por mais de 80% das vendas da JBS, depende das condições de mercado, em um indicativo de que a tão aguardada listagem da empresa na bolsa americana não deverá ocorrer no primeiro semestre de 2019.

O executivo não fez alusão ao atual momento, mas o cenário é bastante negativo para as empresas de carnes com ações listadas nas bolsas americanas.

No acumulado deste ano, as ações da Tyson Foods, por exemplo, recuaram 28,2% na bolsa de Nova York. Os papéis da Pilgrim's, controlada pela JBS, caíram 38% na Nasdaq.

As empresas de carnes têm sido afetadas pelo cenário de produção recorde de carne nos Estados Unidos, que reduziu os preços no país.

Com pagamento de dívida, JBS economiza US\$ 300 milhões por ano

O executivo-chefe de operações da JBS, Gilberto Tomazoni, disse hoje que a gestão de dívidas da empresa permitirá uma economia de cerca de US\$ 300 milhões (o equivalente a R\$ 1,1 bilhão) em juros anuais.

Desde junho de 2017, um mês depois da delação premiada dos irmãos Wesley e Joesley Batista, a JBS pagou US\$ 4,3 bilhões em dívidas, disse Tomazoni, em teleconferência.

Após a delação, evento que colocou a liquidez da JBS em dúvida, a empresa deflagrou um movimento de venda de ativos e renegociação das dívidas. Assim, a dívida bruta diminuiu de US\$ 18,8 bilhões, no fim do terceiro trimestre do ano passado, para US\$ 15,4 bilhões no fim de setembro deste ano. No atual trimestre, essa dívida caiu ainda mais, indicou Tomazoni. Em outubro, a JBS recomprou US\$ 1 bilhão em títulos no exterior.

Nesse cenário, o índice de alavancagem (relação entre dívida líquida e Ebitda) caiu de 3,42 vezes para 3,38 vezes desde o terceiro trimestre do ano passado. Considerando a dívida em dólar — métrica preferida pela JBS em razão da maior concentração das vendas e do endividamento em moeda americana -, a alavancagem caiu de 3,45 vezes para 2,99 vezes.

Atualmente, 95,8% das dívidas da JBS são denominadas em dólares. O custo médio da dívida em dólar é de 5,89% ao ano. As dívidas em real, que respondem por 4,2% do total, têm um custo médio de 8,93% por ano.

Em teleconferência com analistas, o presidente do conselho de administração e diretor de relações com investidores da JBS, Jerry O'Callaghan, destacou a redução da parcela da dívida que vence no curto



prazo (em um ano). Com medidas como a renegociação de dívidas com os bancos no Brasil, a dívida de curto prazo caiu de 27% do total no fim do terceiro trimestre do ano passado para apenas 5% do total no fim de setembro de 2018.

Minerva negocia con fondos soberanos de Medio Oriente

12/11/18 - por Equipe BeefPoint Em fase de preparação para pedir a listagem das ações da subsidiária Athena Foods na bolsa do Chile, a brasileira Minerva Foods, maior exportadora de carne bovina da América do Sul, negocia com fundos soberanos do Oriente Médio um investimento na Athena, apurou o Valor. O objetivo é reduzir as dívidas com a operação.

Segundo fonte a par do tema, os fundos soberanos do Emirado de Abu Dhabi (Adia) e do Qatar (Kia) mantêm conversas com a empresa para serem investidores-âncora na oferta inicial de ações (IPO, na sigla em inglês) da Athena Foods. Também há conversas no mesmo sentido com a Saudi Agriculture and Livestock Investment Company (Salic), gestora do Reino da Arábia Saudita que já é umas das maiores acionistas da Minerva. A Salic tem 21,3% do capital da empresa.

Paralelamente, a Salic participa do aumento de capital que está em andamento na própria Minerva. Esse aumento, de R\$ 1 bilhão, poderá elevar a fatia da Salic na Minerva a até 33%.

Em relação à Athena, o fundo chinês Fosun também está interessado, segundo a Bloomberg. O Valor confirmou a informação. As conversas com a Fosun seriam para um aumento de capital privado e não necessariamente para ancorar o IPO. No momento, porém, o IPO da Athena ainda é a principal aposta.

Na última terça-feira, o diretor financeiro da Minerva, Edison Ticle, reafirmou a jornalistas a intenção de protocolar o pedido de registro para IPO da Athena ainda neste mês. O plano é obter R\$ 1,5 bilhão com a abertura de capital da Athena, que responde por cerca de 40% da receita da Minerva e reúne os frigoríficos que a empresa tem na Argentina, Paraguai, Uruguai e Colômbia.

Marfrig brinda posibilidad de acceder a pagos diferenciados

14/11/2018 - Buscamos impulsar más y mejores negocios, dijo Secco.

Con el fin de dinamizar al sector agropecuario y ofrecer condiciones de financiación convenientes, Marfrig, el segundo mayor productor de carne del mundo, brinda a sus proveedores la posibilidad de acceder a pagos diferenciados y condiciones financieras competitivas y accesibles, ventajas que presentó ante proveedores y amigos en un encuentro que tuvo lugar en la Asociación Rural de Tacuarembó.

Durante la jornada, referentes de la compañía explicaron que se trata de herramientas orientadas a facilitar la compra-venta de ganado, flexibilizando las preferencias de pagos más allá de los plazos tradicionales de la industria.

“Estamos atentos al contexto actual y a las necesidades de los productores. Buscamos mantenernos activos en la búsqueda de soluciones para impulsar más y mejores negocios para los diferentes eslabones”, señaló Marcelo Secco, director de Marfrig.

En este sentido, el equipo presentó el nuevo servicio en línea desarrollado por Marfrig gracias a un acuerdo con una institución financiera de plaza, que permite a los productores hacer un seguimiento de todas sus transacciones.

De manera sencilla y rápida, los clientes de la compañía pueden ingresar al servicio en línea del banco con su usuario y contraseña por medio de cualquier dispositivo electrónico. Allí encuentran un panel con el detalle de las ventas efectuadas, las fechas de cobro programadas y la posibilidad de adelantarlas si así lo desean, conociendo al instante la tasa de descuento correspondiente.

A su vez tienen la opción de elegir la entidad financiera en la que prefieren recibir el dinero sin necesidad de trasladarse físicamente a una sucursal. “En muchas ocasiones el productor vende su ganado, acuerda el pago con determinado plazo y luego se enfrenta a ciertas necesidades financieras que lo llevan a modificar esos plazos. Esta herramienta le da el control total para cambiar esas fechas”, dijo Secco.